

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes – FAFICLA

Curso de Letras – Português e Inglês – Licenciatura

MARIA CLARA LACERDA NUNES

**A ANIMALIDADE NA LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSTA DE  
INTERVENÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

São Paulo – SP

2025

MARIA CLARA LACERDA NUNES

**A ANIMALIDADE NA LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSTA DE  
INTERVENÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Letras - Português e Inglês - Licenciatura da Pontifícia Universidade Católica com um dos pré-requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Letras, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo S. F. de Souza.

São Paulo – SP

2025

MARIA CLARA LACERDA NUNES

**A ANIMALIDADE NA LITERATURA INFANTIL – UMA PROPOSTA DE  
INTERVENÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Letras: português e inglês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como um dos pré-requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Letras, área de Conhecimento 8.02.00.00-1 – Letras, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo S. F. de Souza

Data de aprovação: \_\_/\_\_/\_\_

Avaliação: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Assinatura do Professor-orientador: \_\_\_\_\_

Avaliação: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Nome do Professor: \_\_\_\_\_

Assinatura do Professor: \_\_\_\_\_

Média final: \_\_\_\_\_

Nunes, Maria Clara Lacerda  
A ANIMALIDADE NA LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSTA DE  
INTERVENÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL. / Maria Clara Lacerda  
Nunes. -- São Paulo: [s.n.], 2025.  
44p. il. ; cm.

Orientador: Carlos Eduardo Siqueira Ferreira de Souza.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, Graduação em Letras -  
Português e Inglês, 2025.

1. Animalidade. 2. Literatura infantil. 3. Zooliteratura.  
I. Souza, Carlos Eduardo Siqueira Ferreira de. II.  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Trabalho de  
Conclusão de Curso para Graduação em Letras - Português e  
Inglês. III. Título.

CDD

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho à todas as crianças que sonham em ser um dragão, um pássaro ou um peixe. Dedico esse trabalho à pequena Maria Clara que, um dia, já sonhou em ser uma fênix para poder renascer e ler todos os livros do mundo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Silvia e Enio, por terem apresentado o mundo literário para mim, por terem me feito uma pessoa que cativa a imaginação e que consegue ver a beleza do mundo nas pequenas coisas. Agradeço às minhas grandes amigas, Beatriz, Luiza e Sofia, que acompanharam de perto esse processo de criação e reflexão e que sempre me ouvem falar dos meus sonhos e de tudo o que leio.

E agradeço ao meu orientador, Cadu, que acatou minha ideia me mostrou mais um mundo dentro da literatura: o dos animais.

## RESUMO

NUNES, Maria Clara Lacerda. Animalidade na literatura infantil: uma proposta de intervenção, 2025.

Considerando que a animalidade é um tema pouco explorado na literatura infantil, o trabalho propõe uma intervenção para os 6º e 7º anos do Ensino Fundamental com base na obra *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018), de Arthur Nestrovski. Busca-se investigar como o autor singulariza as subjetividades animais e reconfigura a relação entre humanos e animais, além de desenvolver estratégias de sensibilização dos estudantes sobre esse contato. A pesquisa apoia-se em teóricos como Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira (2025), Carole Scott e Maria Nikolajeva (2011), Maria Esther Maciel (2023) e Peter Hunt (2010), culminando na formulação de uma proposta de intervenção que também aborda a relação entre o humano, o animal e o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Animalidade; Literatura infantil; Zooliteratura.

## ABSTRACT

NUNES, Maria Clara Lacerda. *Animalidade na literatura infantil: uma proposta de intervenção*, 2025.

Considering that animality is a theme rarely explored in children's literature, this study proposes an educational intervention for 6th and 7th grade students based on the book *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018), by Arthur Nestrovski. It aims to investigate how the author singularizes animal subjectivities and reconfigures the relationship between humans and animals, as well as to develop strategies to raise students' awareness of this connection. The research draws on theorists such as Maria José Palo and Maria Rosa D. Oliveira (2025), Carole Scott and Maria Nikolajeva (2011), Maria Esther Maciel (2023), and Peter Hunt (2010), culminating in the formulation of an intervention proposal that also addresses the relationship between humans, animals, and the environment.

**Keywords:** Animality; Children's Literature; Zooliterature.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Arthur Nestrovski. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.....	17
Figura 2: Arthur Nestrovski. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.....	18
Figura 3: Arthur Nestrovski. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.....	21
Figura 4: Arthur Nestrovski. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.....	28
Figura 5: Arthur Nestrovski. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.....	32
Figura 6: Arthur Nestrovski. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.....	33
Figura 7: Arthur Nestrovski. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.....	34
Figura 8: Arthur Nestrovski. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.....	35
Figura 9: Arthur Nestrovski. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.....	35

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1. Literatura infantil: o lúdico e o ensino.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 <i>Bichos que existem e bichos que não existem</i> .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 As ilustrações em <i>Bichos que existem e bichos que não existem</i> .....</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo 2. Zooliteratura e animalidade .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 Bichos reais e irreais .....</b>	<b>27</b>
<b>Capítulo 3. Literatura e ensino: proposta de intervenção .....</b>	<b>37</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>42</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>44</b>

## Introdução

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolve-se uma proposta de intervenção no Ensino Fundamental com o intuito de se explorar a temática da animalidade na literatura infantil. Acredito que esse tema é pertinente e faz com que os leitores, em especial as crianças, sensibilizem-se sobre a relação que estabelecem com os seres ao seu redor – sejam eles animais, pessoas e até objetos. Assim, o corpus escolhido para a realização deste Trabalho, *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018), escrito por Arthur Nestrovski e ilustrado por Maria Eugênia, apresenta verbetes em que a relação entre humano e animal é reconstruída, assim como a própria definição já conhecida de alguns animais. Além disso, a obra de Nestrovski (2018) oferece a possibilidade de se trabalhar em sala de aula aspectos como essa relação entre homem e animal, assim como temas de preservação e cuidado ambiental, e também, quais lugares os humanos e os animais ocupam enquanto seres no mundo em vivem.

A partir disso, foram formuladas as seguintes questões-problemas: quais os procedimentos empregados por Nestrovski (2018) para singularizar as subjetividades animais em seu livro? Até que ponto é reconfigurada a relação entre ser humano e animal na obra *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018)? Finalmente, quais estratégias podem ser colocadas em prática para se desenvolver uma proposta de intervenção no Ensino Fundamental que, a partir da literatura infantil, sensibilize o estudante a respeito do contato entre ser humanos e animais?

A partir dessa problematização, formulou-se o seguinte objetivo geral: desenvolver estratégias para se realizar uma proposta de intervenção no Ensino Fundamental que, a partir da literatura infantil, sensibilize o estudante a respeito do contato entre ser humanos e animais. Para alcançar esse objetivo, desenvolveu-se o seguinte objetivo específico: investigar os procedimentos empregados na obra *Bichos que existem e bichos que não existem* que singularizam as subjetividades animais e reconfiguram a relação entre ser humano e animal.

Para estudar a animalidade, a autora Maria Esther Maciel é a principal referência em virtude de seus estudos nesse campo. Sua obra *Animalidade zooliteratura e os limites do humano* (2023) aborda a questão da animalidade dentro da literatura. A respeito da literatura infantil, buscou-se fundamento nas autoras Maria Rosa D. Oliveira e Maria José Palo – *Literatura infantil: voz de criança* (2025) – e Peter Hunt – *Crítica, teoria e literatura infantil* (2010). Finalmente, tendo em vista que o corpus da pesquisa é um livro infantil ilustrado, as autoras Maria Nikolajeva e Carole Scott – *Livro ilustrado: palavras e imagens* (2011) –

forneem sustentação para o exame das ilustrações de *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018), de Arthur Nestrovski, corpus desta pesquisa.

Dessa forma, o desenvolvimento do trabalho foi organizado em 3 capítulos. No primeiro, há a apresentação do que é a literatura infantil, assim como as possíveis definições apresentadas para essa área da literatura. Com base em Palo e Oliveira (2025), e Hunt (2010), as discussões foram realizadas pensando na proposta de intervenção. Além deles, Nikolajeva e Scott (2011) também estão presentes, fazendo parte das reflexões acerca das ilustrações nos livros de literatura infantil. Também, a obra de Arthur Nestrovski (2018) é apresentada. No segundo capítulo estão presentes as discussões sobre animalidade e a zooliteratura, com base em Maciel (2023). As reflexões que a autora apresenta são importantes para a análise do corpus e, assim, a facção da proposta de intervenção. Tendo em vista que a animalidade na literatura infantil não é algo muito trabalhado nas escolas, essa relação foi feita para que uma proposta original pudesse ser criada. E, por fim, no terceiro capítulo está a proposta de intervenção, feita a partir de toda análise teórica e da obra de Arthur Nestrovski (2018).

## Capítulo 1. Literatura infantil: o lúdico e o ensino

As autoras Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira, em sua obra *Literatura infantil: voz de criança* (2025), abrem espaço para falar especialmente sobre a literatura destinada aos pequenos e a relação que ela tem com o ensino (Palo; Oliveira, 2025, p. 20). Elas explicam que quem se dirige às crianças como um ser superior e que entende sobre todas as coisas é o adulto; a criança, na realidade, é um ser dependente na cultura ocidental, pois o adulto a domina por completo. Essa dominação não é só física, corporal, mas diz respeito também ao plano da linguagem. Na compreensão do adulto, a criança não possui competência suficiente para compreender símbolos, pois como explicam as autoras “(...) lhe falta a posse das convenções e das regras gerais que dão acesso à significação global” (Palo; Oliveira, 2025, p. 20).

Ainda, segundo Palo e Oliveira (2025), quando a arte literária é inserida nesse contexto de dominação entre adultos e crianças, ela é entendida como algo complexo e não natural ao universo da criança, fazendo com que seja transformada e facilitada para a compreensão infantil – tudo isso pela visão do adulto, do que ele entende como sendo compreensível ou não para os pequenos humanos. A partir disso, o movimento de ensino – seja de palavras, números ou hábitos saudáveis, por exemplo – adentra no mundo literário para adequar os livros que pertencem ao universo infantil fazendo com que eles sejam úteis como método de ensino. Assim, cada livro voltado para as crianças será direcionado a cada fase do raciocínio infantil, segundo Palo e Oliveira (2025). O livro acaba por se tornar um produto em que os valores sociais são passados para o leitor criança, como as autoras discorrem:

Essa função utilitário-pedagógica é ainda bastante significativa na produção literária destinada à infância, e isso desde as primeiras obras surgidas entre nós. Nada mais do que atender a uma exigência da própria estrutura da cultura ocidental em relação ao seu tradicional conceito do ser infantil.

A arte, porém, tem outros desígnios e desejos. A criança também (Palo; Oliveira, 2025, p. 20-21).

As autoras expõem que, com o predomínio da função utilitário-pedagógica, a literatura infantil acaba perdendo uma parte de seu aspecto lúdico, imaginativo e criativo. Portanto, a criança deixa de ser o que é: criança. Da mesma forma que ela é tirada do contato direto com as palavras, com as formas e desenhos presentes nos livros infantis, ela também acaba sendo privada de sua infância.

Peter Hunt, por sua vez, em *Crítica, teoria e literatura infantil* (2010, p. 75), aborda a literatura infantil a partir de Nicholas Tucker, que explica: a forma de escrita presente no livro infantil é aquilo que o difere dos demais livros. Quando Palo e Oliveira (2025) dizem que uma leitura mais destemida é um exercício de experimento e descobrimento, pode-se relacionar com

o que Hunt diz: a literatura infantil é acessível para o público infantil por ser feita para ele. Talvez isso seja algo que os adultos nunca entenderão por já terem passado dessa fase e pelo fato de que a memória não é tão confiável quanto se pensa. Hunt (2010, p. 78) ainda explica: “(...) ler literatura infantil é, para o adulto, um processo mais complexo do que ler um livro adulto”.

Assim, quando a literatura infantil possui o caráter de ensino de forma que a criança continue em seu universo infantil, a infantilidade não tem seu foco retirado. O personagem principal continua sendo a criança, e não o seu aprendizado ou a forma como ela deve ver o mundo ao seu redor. A inteligência e a sensibilidade da criança são aspectos em que se deve investir, pois a partir do momento em que essas duas características são cuidadas prezando pela fase infantil, as crianças se transformam em sujeitos da própria aprendizagem com capacidade de aprender *do* e *com* o texto, segundo Palo e Oliveira (2025). Ainda, as autoras argumentam que, quando se fala sobre textos de literatura infantil que privilegiam a forma poética, a categorização infantil fica em risco, “pois não se trata mais de falar a esta ou àquela faixa etária de público, mas sim de operar com determinadas estruturas de pensamento – as associações por semelhança – comuns a todo ser humano” (Palo e Oliveira, 2025, p. 25).

Peter Hunt (2010) aborda os modos de ler esses textos destinados para um público que não é o adulto e defende que é preciso considerar três tipos de situações de leitura: o adulto lendo livros para adultos; o adulto lendo livros para crianças, e a criança lendo um livro para crianças. Hunt (2010) deixa explícito como é importante que essa separação aconteça para que se possa tentar compreender melhor o que é a literatura infantil. Como Palo e Oliveira (2025) explicam, os adultos podem ser tanto aliados nessa produção e na própria leitura conjunta de um livro infantil, como alguém que pensará apenas no benefício pedagógico daquela leitura – o que não pode ser feito de forma exclusiva.

Dessa forma, é importante refletir que, a criança será sempre afetada pelo que está presente no livro e por isso, como Hunt (2010) explica, as referências e as intenções que estão na obra são decisivas. Sejam as referências e intenções voltadas para o ensino, para a leitura ou para os dois, o leitor infantil é que será atingido, assim como sua reflexão, imaginação e percepção das coisas.

O autor defende que “um texto deve ‘implicar’ um leitor” (Hunt, 2010, p. 79), ou seja, o nível de leitura é adequado para um tipo de leitor, por isso que alguns textos acabam atingindo tanto adultos como crianças, pois o público implícito nos livros infantis é tanto adulto quanto infantil. Um bom exemplo disso é a obra *Procurando por Atlântida* (1993), de Colin Thompson.

Ao relatar a morte do avô, que era um viajante nato no mundo da imaginação, seu neto se encontra perdido e sozinho sem as histórias de seu querido avô. Assim, ele parte em busca de Atlântida – que fica dentro de sua própria casa e nada mais é do que a imaginação. Esse texto atinge ambos os públicos por abordar o ponto de vista adulto (o avô), assim como o da criança (neto).

Palo e Oliveria (2025) explicam, ainda sobre a função utilitário-pedagógico presente nas obras infantis, que ela tem como implicação a ação educativa do livro sobre a criança. As autoras dizem que, de um lado, reside a relação comunicativa entre o leitor e a obra – intermediados pelo pedagógico, que tem como finalidade a orientação do que está no livro – e do outro, vários mediadores que interceptam essa relação, sendo a escola, a família, a biblioteca e o próprio mercado editorial. Esses mediadores, ao invés de facilitarem a relação entre a obra e a criança, na realidade acabam dificultando pelo simples fato deles serem controladores, o que dificulta a criança ter a própria decisão do *que e como* ler, expõem Palo e Oliveira (2025). Ainda, elas explicam que

Extremamente pragmática, essa função pedagógica tem em vista a interferência sobre o universo do usuário por meio do livro infantil, da ação de sua linguagem, servindo-se da força material que palavras e imagens possuem de atuar sobre a mente daquele que as usa; no caso, a criança (Palo e Oliveira, 2025, p. 26).

Isso determina que, mesmo a obra sendo direcionada a um certo público, as interferências que ocorrem até ela chegar ao seu destinatário acabam por influenciar aquele público fortemente. Ao tirar o poder de decisão e de escolha da criança, a finalidade da obra infantil é perdida. Com isso, as autoras explicam que podem ocorrer desvios perigosos. O problema está no possível uso do texto literário servindo para expor ideologias que o extrapolam; não é necessário desconsiderar o âmbito de ensino e formação que estão associadas ao livro de literatura infantil, mas a forma poético-literária que o singulariza não pode ficar em segundo plano. Quando isso acontece, segundo as autoras, os dois sujeitos mais importantes são ignorados:

(...) a criança e o próprio livro na sua materialidade em interação sensível com o seu receptor – as cores e as imagens, o texto em sua macha gráfica, a textura das páginas e o ato de folheá-las com o toque de mãos ávidas de curiosidade na expectativa sempre renovada do que poderá surgir a cada virada de página (Palo e Oliveira, 2025, p. 27).

Quando o poder de decisão e escolha são dados à criança, cria-se uma nova sensibilidade a partir do momento em que ela seleciona a obra que deseja. Essa autonomia é entendida como essencial desde o início da vida, e quando relacionada com a literatura, um universo de coisas novas dentro de cada ser é criado.

Por fim, as autoras discorrem

Privilegiar o uso poético da mensagem é pôr em uso uma nova forma de pedagogia que mais aprende do que ensina, atenta a cada modulação que a leitura pode descobrir por entre o traçado do texto. Ensinar breve e fugaz que se concretiza no fluir e refluir do texto, sem pretensões de ter a palavra final, o sentido, a chave que soluciona o mistério. Mais do que falar e preencher, o texto ouve e silencia, para que a voz do parceiro, o leitor-criança, mesmo aquele não alfabetizado ainda, possa ocupar espaços e ensinar também (Palo e Oliveira, 2025, p. 29).

Vê-se, então, que a função utilitário-pedagógica precisa ser exercida em sua forma primeira e nascente; ela precisa ser capaz de realizar um código dominador que o ser literário infantil compreenda. Palo e Oliveira (2025, p. 30) compreendem o leitor infantil como um ser que venha a ser banhado pela literatura infantil, para que assim tanto a criança quanto o livro entrem em uma convivência harmônica.

### **1.1 *Bichos que existem e bichos que não existem***

Para a realização deste trabalho, o corpus escolhido foi a obra de Arthur Nestrovski destinada ao público infantil, *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018). Voltada para o público infantil, Nestrovski (2018) constrói definições de animais reais e imaginários a partir de pequenas definições em conjunto com as ilustrações realizadas por Maria Eugênia.

Arthur Nestrovski publicou mais livros infantis, como *Amanhã eu faço* (2025) e *Histórias de avô e avó* (1998), além de outros. Nestrovski também compõe e interpreta canções, e escreveu obras voltadas para música e literatura, como *Tudo Tem a Ver – Literatura e Música* (2019) e *Outras Notas Musicais* (2009). Ele é doutor em literatura e música pela Universidade de Iowa, dos Estados Unidos, e entre os anos 1991 e 2006 foi professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo assim como articulista da Folha de São Paulo entre 1992 e 2009. Atualmente, Nestrovski atua na área musical como violonista e compositor, e se apresenta com artistas como Zélia Duncan e Adriana Calcanhoto.

Maria Eugênia é formada em direito, mas seguiu pelo caminho das artes plásticas – mais especificamente o da pintura. Estreou suas ilustrações em 1991 e na literatura infantojuvenil, em 1995. Atualmente, a artista ilustra para revistas e jornais; já trabalhou em mais de cinquenta livros, tanto para crianças quanto para adultos.

Em sua obra, Nestrovski (2018) apresenta – a partir de texto e imagem – verbetes de animais que são conhecidos a partir de algumas regiões do Brasil – como Norte e Nordeste – assim como de lendas, folclore e mitos. Realizados em páginas duplas, esses verbetes são feitos de modo singular para descrever esses animais reais e irreais. Além disso, as imagens desenhadas por Maria Eugênia fazem parte da construção das caracterizações expostas pelo autor.

Utilizando de linguagem simples, Arthur Nestrovski (2018) apresenta os animais de forma que o leitor possa refletir sobre o lugar deles no mundo – seja real ou imaginário. Ao abordar pequenos seres como o vírus e a traça, Nestrovski (2018) realiza comparações entre eles e as crianças. Quando apresenta seres imaginários, como o lobisomem e o abominável homem das neves, ele explica de forma lúdica que, na realidade, o lobisomem é mau por ter “o homem dentro do lobo” (Nestrovski, 2018, n.p.) e que o abominável homem das neves só é abominável porque o homem o julga pela sua aparência e não pensa em sua solidão.

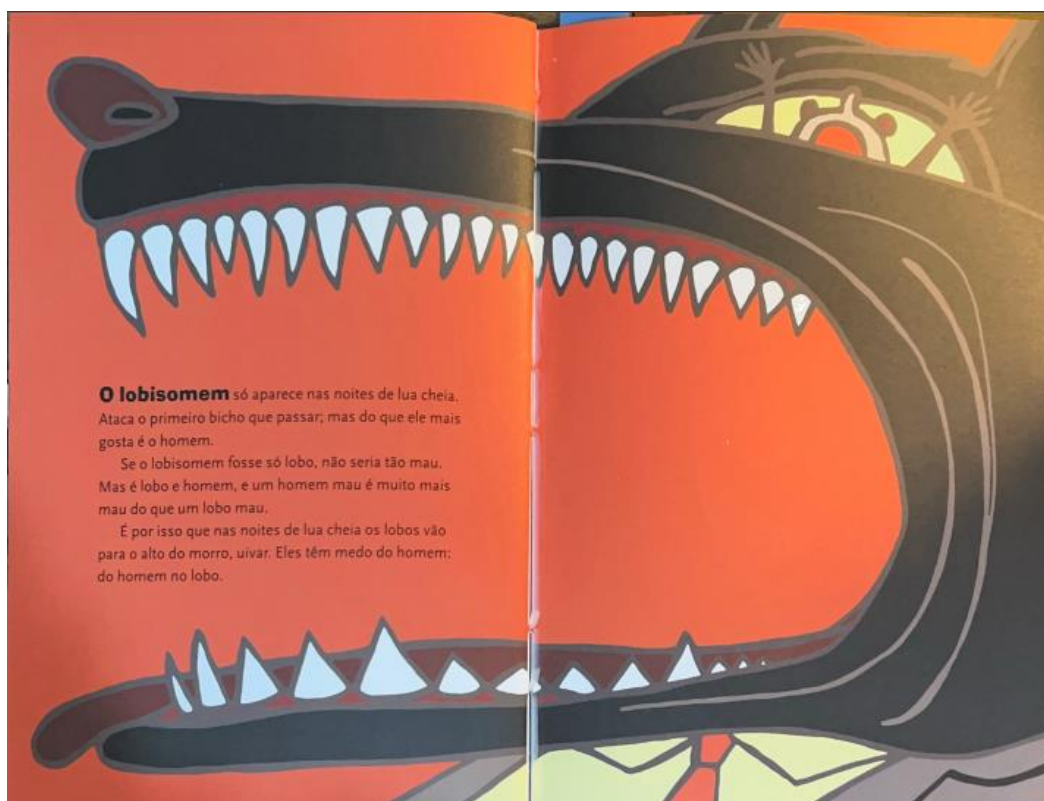


Figura 1: Arthur Nestrovski. *Bichos que existem e bichos que não existem*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

A ilustradora utiliza cores e traços fortes e marcantes para que as imagens chamem tanta atenção quanto os textos, expondo características conhecidas dos animais também conhecidos por quem os lê; e mesmo que o leitor não tenha conhecimento sobre algum ser presente na obra,

é certo que a partir de sua leitura, esse novo animal fará parte de seu repertório – imaginário ou não.

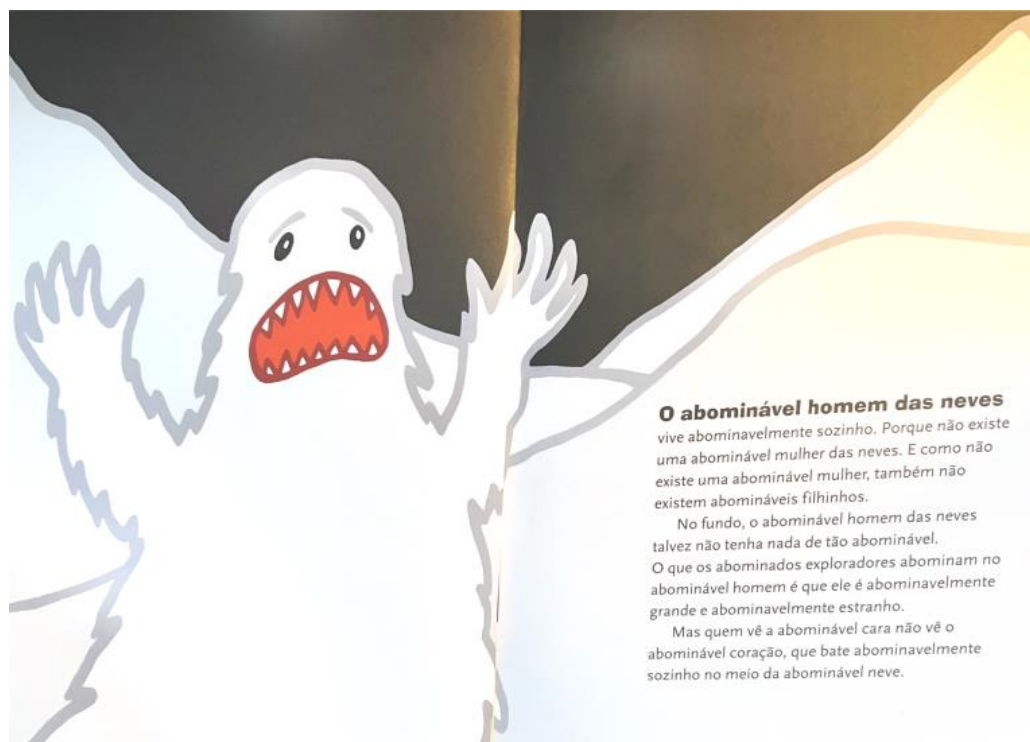


Figura 2: Arthur Nestrovski. *Bichos que existem e bichos que não existem*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

É possível observar a ilustração notável de Maria Eugênia assim como a descrição essencial que Arthur Nestrovski (2018) realiza nos dois exemplos acima. Outros animais que ambos escritor e ilustradora retratam são o jabuti, o cavalo-marinho, o vírus, o gato que ri, a saúva, o camelo, o tatu-bola, o uirapuru, a baleia, o cão dos infernos, a vaca, a cobra que come o próprio rabo – uroboros – a traça, o assum-preto, o dragão, o dinossauro, a mula sem cabeça, o basilisco, a fênix e o iauaretê.

Apenas alguns dos animais serão apresentados e analisados a partir de texto e ilustração, mas todos contém sua singularidade que é muito bem exposta por Arthur Nestrovski (2018) e Maria Eugênia.

## 1.2 As ilustrações em *Bichos que existem e bichos que não existem*

Para podermos realizar análise sobre a relação entre texto e imagem na obra *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018), é importante apresentar reflexões sobre a ilustração a partir das autoras Palo e Oliveira (2025), Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011).

Palo e Oliveira (2025, p. 37) discutem algumas variações acerca do que é um livro ilustrado. Elas dizem que existe uma constante para se definir o que é *livro com ilustração* e *livro ilustrado*, sendo o primeiro aquele em que “as imagens ilustram ou interpretam

determinadas cenas do texto verbal, porém sem se integrar na construção de uma sequência narrativa com ele” e o segundo sendo os que possuem “um diálogo efetivo entre *palavra e imagem*, ao qual se veio acrescentar o *design* do projeto gráfico do livro” (Palo; Oliveira, 2025, p. 38).

As autoras (2025, p. 38) ainda explicam que a natureza híbrida do livro ilustrado precisa ser levada em conta, pois é uma natureza que está entre as artes gráficas, as ilustrações e o texto verbal presentes no livro. Sendo assim, Palo e Oliveira (2025) discorrem que a coparticipação dessas três matrizes é o que constrói uma forma poética que irá operar nas semelhanças e contrastes da obra. Ainda, elas utilizam a obra de Walter Benjamin, *A doutrina das semelhanças* (1985), para explicar o que são as *semelhanças sensíveis* e as *não sensíveis*, e como isso afeta na conexão que a criança realiza com o livro ilustrado.

A partir disso, Palo e Oliveira (2025) explicam, ainda citando Benjamin (1985), que as *semelhanças sensíveis* são aquelas que os humanos percebem a partir dos órgãos sensórios, ou seja, a visão, a audição, o tato, o olfato e o gustativo. Já as *não sensíveis* são aquelas que Benjamin (1985) define como sendo invisíveis para os olhos, mas capazes de criar conexões com elementos que não têm nada em comum, superficialmente. Com isso, as autoras expõem que o foco do interesse, na verdade, está nas *semelhanças não sensíveis*, pois

[elas] exigirão a maior força criadora do ser humano e é justamente aí que está o “ter-lugar” da linguagem humana, na qual as palavras não são as próprias coisas, mas mantêm com elas uma relação de semelhança *não sensível*, isto é, a de uma mediação simbólica (Palo; Oliveira, 2025, p. 39).

Quando as autoras falam sobre o “ter-lugar”, elas se referem, então, às coisas que são tocadas a partir de uma sintonia de sensações que se encontram em suas essências, como o aroma, o som, o silêncio; aquilo que a palavra poética alcança, recolhe e condensa, Palo e Oliveira (2025) explicam. Por exemplo, quando se lê um poema com aliteração – a repetição de um mesmo fonema – é como se aquele som tivesse forma; como se ele possuísse uma imagem que não é possível colocar em forma física, mas que existe na mente de quem o lê; ou, quando se tenta definir um gosto ou um cheiro a partir das palavras – isso é o “ter-lugar” aqui utilizado. Pensando no livro ilustrado, em especial no de Arthur Nestrovski (2025), as imagens e as definições ali presentes dão esse “ter-lugar” para o leitor colocando o que ele pode imaginar quando o lobisomem ou o abominável homem das neves é citado, ou até mesmo uma simples vaca. Assim, Palo e Oliveira (2025) colocam a imagem como uma “*medium* de interconexão, movimento e passagem” (2025, p. 39) para que as fronteiras entre livro ilustrado, livro-imagem e livro-objeto sejam apenas limiares.

Nikolajeva e Scott em *Livro ilustrado: palavras e imagens* (2011), explicam que a arte dos livros ilustrados é realizada com base na combinação de dois níveis da comunicação: o visual e o verbal. Assim, as autoras explicam que a comunicação realizada por esse tipo de livro é feita por “dois conjuntos distintos de signos, o icônico e o convencional” (Nikolajeva e Scott, p. 13). Dessa forma, o significante e o significado, a partir de atributos comuns, estão relacionados, e que isso acontece quando o signo representa de forma direta o seu significado. Não só isso, Nikolajeva e Scott discorrem também que não é necessário ter um conhecimento especial para entender uma representação de algo – um ícone, no caso – mas que é preciso saber as letras para compreender o código. Como exemplo disso, pode-se utilizar os animais ilustrados na obra de Nestrovski (2025). Caso o leitor ainda não consiga decifrar o código que define o animal, ela pode inferir pela ilustração enquanto alguém lê para ela o texto.

Tendo em vista que um complementa o outro, seria necessário que alguém realizasse uma leitura em conjunto para que ela tivesse a experiência completa dos verbetes de Nestrovski (2018), mas, dependendo do animal, a criança será capaz de compreender a definição a partir do seu conhecimento de mundo prévio, como no conceito da vaca, ou do camelo. Como as autoras discorrem, dentro de um livro ilustrado, “tanto as palavras quanto as imagens deixam espaço para os leitores/espectadores preencherem com seu conhecimento, experiência e expectativa anteriores” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 15).

Nikolajeva e Scott (2011) realizam também algumas tentativas para desenvolver e definir tipologias que estão presentes em obras ilustradas. Citando diversos autores e estudiosos, elas trazem algumas distinções:

- (a) livro demonstrativo: dicionário pictórico (sem narrativa)
  - (b) narrativa pictórica: sem ou com pouquíssimas palavras
  - (c) livro ilustrado: texto e imagem igualmente importantes
  - (d) livro com ilustração: o texto existe de modo independente
- (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 21)

Além dessas possíveis distinções entre os livros ilustrados, as autoras trazem formas de cooperação entre palavras e imagens, discutidas inicialmente por Joseph H. Schwarcz, que as separa em:

- (a) congruência
- (b) elaboração
- (c) especificação
- (d) amplificação
- (e) extensão
- (f) complementação
- (g) alternância
- (h) desvio

(i) contraponto

(Nikolajeva; Scott, 2011, p. 21).

Essas distinções e funções são importantes quando se pensa no livro de Arthur Nestrovski (2018), em que cada animal descrito pelo autor possui um desenho próprio desenvolvido pela ilustradora Maria Eugênia. Quando analisado, é possível observar que o texto não teria o mesmo impacto sem a imagem, e vice-versa; e ainda, é importante destacar que todos os animais presentes são retratados em página dupla, algo que não pode ser ignorado.

Por exemplo, na descrição do camelo, o animal é retratado na primeira metade da página, estando sozinho em um ambiente que representa o deserto; na outra metade está a definição escrita, um homem que puxa o camelo com uma feição estranha – pode-se dizer que é algo parecido com desgosto ou irritação – e duas pirâmides atrás, que remetem as corcovas do camelo.

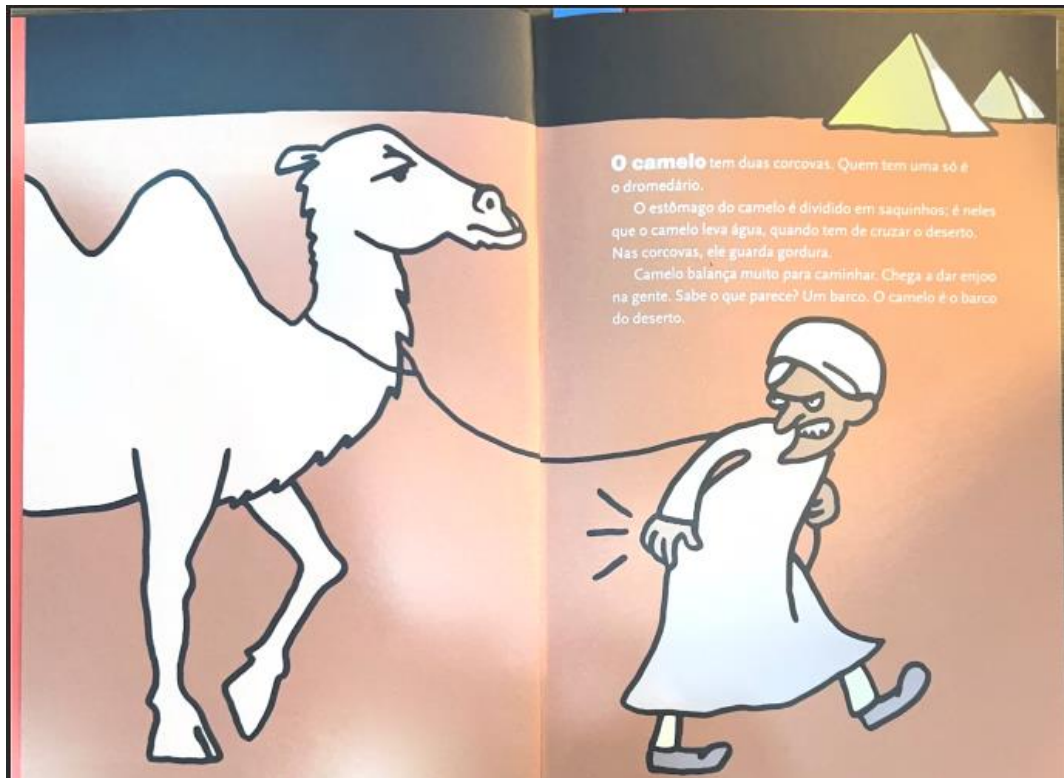


Figura 3: Arthur Nestrovski. *Bichos que existem e bichos que não existem*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

Ademais, observa-se que Maria Eugênia ao ilustrar duas pirâmides no fundo da imagem do lado direito, faz uma brincadeira com as corcovas do camelo que está presente no lado esquerdo. Além disso, a ilustração do homem, também do lado esquerda, apresenta ele com dor nos quadris e olhando o feio para o animal – pode-se deduzir que ele está com dor por montar no animal.

Nessa breve análise é possível dizer que, a partir de Nikolajeva e Scott (2011), a obra de Netrovski é um livro ilustrado em que as palavras e imagens possuem amplificação, extensão e complementação.

Além das formas de cooperação descritas por Schwarcz, Nikolajeva e Scott trazem a autora Joanne M. Golden, que discute os tipos de interação existentes entre imagem e escrita:

- (a) o texto e as imagens são simétricos (criando uma redundância)
  - (b) o texto depende das imagens para esclarecimento
  - (c) a ilustração reforça, elabora o texto
  - (d) o texto carrega narrativa elementar, a ilustração é seletiva
  - (e) a ilustração carrega narrativa elementar, o texto é seletivo
- (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 22)

Mais uma vez, pode-se analisar o livro de Netrovski (2018) a partir desses tipos de interação. Ainda na definição do camelo, vemos que a ilustração reforça e elabora o texto, como pontuado por Nikolajeva e Scott (2011) a partir de Golden. Apesar disso, as autoras ressaltam que esses tipos de interação nomeados por Golden ainda são superficiais, e que é possível observar diferentes graus de “dependência” e “reforço” entre as categorias (b) e (c).

Falando de forma mais profunda sobre a relação entre a palavra e a imagem, Nikolajeva e Scott (2011) explicam que, pensando no verbal e no visual, e pode ter uma narrativa ou uma não narrativa no verbal, como poema, dicionário, texto não ficcional; e, uma narrativa realizada apenas com imagens, no visual. Elas explicam que “uma narrativa verbal pode ser ilustrada por uma ou várias imagens” (Nikolajeva; Scott, p. 23) e que, dessa forma, essa narrativa se torna em uma história ilustrada, na qual “as imagens são subordinadas às palavras” (Nikolajeva; Scott, p. 23).

Ademais, as autoras explicam que, em algumas obras, há o uso da ironia que brinca com os signos verbais e visuais. Elas falam da obra de Inger e Lasse Sandberg, *Aninha e o chapéu mágico* (1965), em que um ilusionista diz apresentar em palavras um cachorro, uma luva, um avião, mas as imagens mostram coisas completamente diferentes, como um sapato, uma boneca, um carro; Nikolajeva e Scott (2011) discorrem sobre isso dizendo

o livro pressupõe que o leitor possui habilidades linguísticas suficientes para identificar ironia. Para um leitor sofisticado, o dispositivo interroga o convencionalismo da linguagem (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 25).

Elas explicam, também, que algumas obras ilustradas e com signos verbais podem ser simples, mas que uma narrativa ilustrada que não tem nenhum signo verbal, torna-se muito complicada por demandar do leitor uma verbalização própria da história. Além disso, segundo as autoras,

um livro-imagem contém diferentes graus de sofisticação e que isso depende da quantidade e da origem do texto que não está presente.

A partir dessa investigação que as autoras chamam de “duas pontas do espectro” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 27), se referindo a imagem e ao texto, elas apresentam uma tabela, a qual nomeiam “tabela palavra-imagem”, em que um resumo das categorias de livros ilustrados está presente:

<b>PALAVRA</b>	
texto narrativo	texto não narrativo
texto narrativo com poucas ilustrações	livro de lâminas (abecedário, poesia ilustrada, livro com iluminação não ficcional)
texto narrativo com pelo menos uma imagem por página dupla (não é dependente da imagem)	
livro ilustrado simétrico (duas narrativas mutuamente redundantes)	
livro ilustrado complementar (palavra e imagem preenchem uma a lacuna da outra)	
livro ilustrado “expansivo” ou “reforçador” (a narrativa visual apoia a verbal, a narrativa verbal depende da visual)	
livro ilustrado de “contraponto” (duas narrativas mutuamente dependentes)	
livro ilustrado “siléptico” (com ou sem palavras) (duas ou mais narrativas independentes entre si)	
narrativa de imagens com palavras (sequencial)	livro demonstrativo com palavras (não narrativo, não sequencial)
narrativa de imagens sem palavras (sequencial)	
livro-imagem ou livro de imagem	livro demonstrativo (não narrativo, não sequencial)
<b>IMAGEM</b>	

Para explicar a tabela, Nikolajeva e Scott utilizam como exemplo a série de livros intitulada *Max* (1981, 1982, 1986), dos autores Barbro Lindgren e Eva Eriksson, em que há uma ótima noção de narrativa de imagens. Elas discorrem sobre a série de livros dizendo que o que está retratado em cada obra pode ser compreendido e facilmente reconhecível aos olhos de qualquer criança; os livros apresentam cenas de situações cotidianas que crianças costumam presenciar e estar inseridas. Ainda, as autoras abordam que

Existem poucos detalhes sem correspondência no texto verbal, mas todos são essenciais. Os cenários são representados esparsamente. Os livros são dirigidos a uma criança muito nova cuja experiência de mundo é bastante

limitada. O universo consiste apenas no entorno imediato e não se estende além das coisas materiais que a criança consegue ver aqui e agora. O lapso temporal é extremamente rígido e há poucas lacunas a preencher (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 28).

Sendo assim, Nikolajeva e Scott (2011) apresentam a tabela para guiar e propor definições para os livros ilustrados. Não é possível encontrar apenas uma definição final, pois as ilustrações e os textos, juntos ou separados, trazem muito repertório para quem está lendo; em especial, as crianças, que possuem a imaginação e a criatividade aguçadas. Dessa forma, pode-se observar que, segundo a tabela (Nikolajeva; Scott, 2011), o livro de Nestrovski (2018) pode ser categorizado como livro ilustrado “expansivo” ou “reforçador”, em que a imagem apoia o texto e o texto apoia a imagem; além de livro demonstrativo com palavras, não narrativo e não sequencial.

Tendo em vista o corpus do trabalho, a ilustração é um aspecto presente no livro, assim como os animais e a relação que eles possuem com os humanos; texto e desenho trazem isso muito presente na obra de Arthur Nestrovski (2018).

## **Capítulo 2. Zooliteratura e animalidade**

Para as possíveis discussões e reflexões acerca das relações entre animal e homem que Arthur Nestrovski (2018) apresenta em sua obra, o livro de Maria Esther Maciel, *Animalidade: Zooliteratura e os limites do humano* (2023), é uma importante referência por apresentar questões pertinentes acerca da animalidade e da presença do animal dentro da literatura.

Em sua obra, Maria Esther Maciel (2023) apresenta diversas definições que já existiram, que ainda existem e que causam impacto na relação que o homem tem com o animal. A princípio, Maciel (2023) trata apenas da palavra, do vocábulo, e os variados significados que ele pode ter. A autora traça um caminho desde a Antiguidade Clássica, em que o termo *anima* era usado para designar o princípio de vida de todo ser vivo (Maciel, 2023); e como esse vocábulo mudou de forma drástica para que, atualmente, *animal* seja um termo pejorativo, negativo, utilizado até para ofender.

E, além desse racionalismo, o pensamento cristão também influenciou (e ainda influencia) consideravelmente a forma de enxergar o animal (Maciel, 2023). Com a industrialização, Maciel (2023) explica que essa negatividade do termo animal aumenta. Os animais, então, são marginalizados por se tornarem “máquinas ou objetos de exposição pública em locais de confinamento” (Maciel, 2023, p. 14) e também “passaram a ser convertidos em

matéria bruta para a fabricação de alimentos processados como mercadorias manufaturadas” (Maciel, 2023, p. 14). Sendo assim, o termo animal foi se tornando pejorativo ao longo do tempo. A palavra “besta”, por exemplo, está atrelada à palavra “animal” resultante da tradição judaico-cristã.

Maciel (2023) ainda explica que essas e várias outras definições não se limitam apenas a um grupo; elas chegam a contribuir “para que certos grupos de humanos, associados pejorativamente a animais, também sejam marginalizados e explorados pelo poder soberano” (Maciel, 2023, p. 20). Ela explica que do vocábulo ao conceito e às práticas das relações entre humanos e animais, todo um imaginário, extremamente diverso, foi sendo construído, montado e divulgado ao longo dos tempos, e que as consequências do homem de se considerar soberano estão chegando cada vez mais rápidas e catastróficas.

Seguindo a questão dos vocábulos que foram sendo criados ao longo do tempo e, conseqüentemente, o imaginário construído a partir deles, Maciel (2023, p. 21) explica que o uso de seres não-humanos sempre foi utilizado para criar alegorias, metáforas, para servir e privilegiar o humano e seus valores.

No Ocidente, toda uma tradição zoo, feita de seres reais e fantásticos, pode ser traçada nas artes e na literatura desde os tempos mais remotos, sob o influxo direto de mitos, crenças e saberes populares de origens variadas (Maciel, 2023, p. 21).

Com isso, as imagens e descrições que eram feitas em fábulas, mitos, crenças, foram agregando os diversos e controversos sentidos para a palavra “animal”, mas que, nessas histórias, as características humanas é que são atribuídas aos animais com propósitos moralistas e/ou religiosos, explica Maciel (2023).

Tudo isso resulta no processo de antropomorfização dos animais, já que a eles são atribuídos hábitos, falas, ações, relações, valores e preconceitos; assim, Maciel (2021, p. 22) explica que “a fábula apresenta um traço dúplice: ao mesmo tempo que mantém a aproximação entre animais e homens, põe aqueles a serviço desses e retira-lhes a autonomia enquanto viventes.”

E, com o passar do tempo, houve uma retomada positiva sobre a noção de animalidade em diversas obras, diz Maciel. A imaginação dá abertura para muitas coisas, e quando se fala de literatura e de poesia, sabe-se que o campo é vasto, se não infinito; dessa forma, na modernidade, o encontro entre humanidade e animalidade ainda é feita, mas por outras perspectivas, como *A metamorfose* (1915), de Franz Kafka, *Você é um animal*, Viskovitz! (1999), de Alessandro Boffa, ou ainda alguns contos de escritores brasileiros como *Conversa*

*de bois* (1946), de Guimarães Rosa, e *Quase de verdade* (1948), obra voltada para o público infantil de Clarice Lispector. Por isso, Maciel (2023) defende o desenvolvimento de novos conceitos para abranger essas práticas literárias, como “zooliteratura” e “zoopoética”.

De caráter híbrido, o termo zooliteratura designa as obras que dão prioridade ao enfoque de animais a partir de recursos ficcionais e estratégias narrativas, diferentemente do segundo termo, zoopoética, usado para se referir tanto ao estudo teórico de obras literárias e artísticas que falam sobre animais, quanto a produção poética que é voltada para o mesmo universo, segundo Maciel (2023). Ela ainda diz que,

É possível dizer que ambos – “zooliteratura” e “zoopoética” – permitem-nos uma compreensão dos animais, da animalidade e das interações humano/não humano também pela via dos sentidos e da imaginação. Graças às experiências ficcionais e poéticas dos escritores, atravessamos as fronteiras entre as espécies e acedemos à outra margem, a dos animais não humanos, num encontro também com a animalidade que está dentro de nós. Ademais, vê-se que esses espaços de reflexão, hoje, não deixam de se ampliar a partir de influxos de áreas afins, como a ecocrítica, que expande a questão animal ao articulá-las às poéticas e narrativas da natureza, em sintonia com os estudos sobre meio ambiente.

Dessa maneira, a literatura afirma não apenas seu potencial de provocar atos internos em nós, leitores, como também nos ensina a lidar, por rotas criativas, com as alteridades radicais e os saberes que se inscrevem nos variados espaços do mundo “zoo”, além de se abrir à complexidade múltipla do mundo natural (Maciel, 2023, p. 28).

A partir dessas definições de zooliteratura e zoopoética, é possível examinar as relações que Nestrovski (2018) apresenta em sua obra. Em animais como o lobisomem e o abominável homem das neves, o autor faz uma brincadeira com homem e animal; ao apresentar o lobisomem, ele explica que o lobo só é mau do jeito que é porque tem um homem dentro dele, e que esse, sim, é mau de verdade. Não à toa, Nestrovski (2018) explica, o lobo tem medo do homem que está dentro de si, o que pode apresentar uma possível reflexão no leitor de como se enxergam alguns animais e como a construção deles é realizada em histórias, contos, fábulas, mitos, enciclopédias e filmes, por exemplo.

Já no abominável homem das neves, o escritor apresenta esse animal como um ser que é extremamente sozinho, e que apesar de ter características que assustam as pessoas, ele não é um monstro como pensam.

Como Maciel (2023) explica, a relação entre humano e bicho foi sendo reconfigurada ao longo do tempo e principalmente por causa do impacto que a zooliteratura causa. O livro de Nestrovski (2018) é um grande exemplo disso, e esses animais irrealis – lobisomem e homem das neves – comprovam que essa relação pode ser transformada e colocada de mais uma maneira que não tenha o bicho como aquele que é ruim, que é do mau. Quando Maciel (2023)

diz que é possível encontrar o animal dentro do humano a partir da literatura, a obra de Nestrovski (2018) traz isso de forma lúdica, fazendo com que o leitor repense nas definições comuns e mais conhecidas sobre o lobisomem e o homem das neves.

Outros animais apresentados por Nestrovski (2018), são a traça e o vírus. Dois seres minúsculos e que o autor consegue criar uma relação direta com o ser humano – em especial, a criança. Na definição da traça, Nestrovski (2018) explica que ela come livros, revistas e jornais, além de tecidos; e que existem crianças que são como as traças: comem tudo o que veem pela frente, além de gostarem da leitura de livros e revistas. Ou seja, ele faz essa comparação entre bicho e humano para, depois, trocar os dois de lugar – a criança é que vira o bicho por ter comportamentos iguais a ele.

Ao apresentar o vírus, Nestrovski (2018) afirma que ele precisa de um outro animal para sobreviver: o humano. Na explicação sobre o minúsculo ser, o autor também realiza uma troca quando diz que o humano é um animal, inferindo que não há diferença entre um e outro. Além disso, quando se pensa na ilustração, observa-se que elas são chamativas, com cores vibrantes e traços bem marcados, fazendo com que o leitor dê atenção à imagem, ao mesmo tempo em que faz a leitura do que é um vírus. Ambas as formas se comunicam para dar ao leitor uma experiência de compreensão do vírus completa, lúdica e divertida.

Ao apresentar bichos reais e irreais, Nestrovski (2018) realiza o que Maciel (2023, p. 28) explica sobre o reconhecimento dos animais, da animalidade e dessas interações acontecerem, pois elas existem desde sempre. Ainda, o autor faz isso direcionando sua obra para um público que está no auge do seu momento de imaginação, criatividade e reflexão no que diz respeito em que lugar do mundo eles ocupam. É importante que essas relações sejam cada vez mais cultivadas para que, no futuro, essas crianças que se tornarão adultas entendam como todos ocupam o mesmo lugar e precisam desse mundo para viver.

## **2.1 Bichos reais e irreais**

A partir das definições desenvolvidas e apresentadas por Maciel (2023), além daquelas direcionadas para o livro infantil e a ilustração, é preciso analisar a obra de Arthur Nestrovski, *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018). Voltado para o público infantil, o livro de Nestrovski (2018) apresenta animais que fazem parte da realidade, como a vaca, a traça, o camelo, além daqueles que não existem, como a fênix, o abominável homem das neves e o lobisomem. As ilustrações realizadas por Maria Eugênia são importantes de se observar

também, além dos verbete escritos por Nestrovski (2018); observa-se que elas possuem cores e traços fortes, ressaltando o que já está presente na descrição escrita do animal apresentado.

Por exemplo, ao expor o Assum-preto, o pássaro pode ser desconhecido para o leitor, mas é possível compreender, a partir da ilustração e do texto, que se trata de uma espécie de pássaro. Sua apresentação é feita em página dupla, com o fundo de cor amarelo forte; o pássaro se encontra na página esquerda, sendo preto, como diz seu nome. Ele tem uma das asas apoiada no peito, seu bico está aberto e os olhos, marcados por sobrancelhas curvadas para baixo, passam uma feição de tristeza. No lado esquerdo da página está o texto, mais acima; embaixo, há a ilustração de uma partitura com notas musicais e uma bengala preta.

É muito importante reparar nos olhos do Assum-preto, pois ele está usando óculos com uma armação grossa e vermelha, de lentes azuis – e isso se relaciona com o texto escrito por Nestrovski (2018), que complementa a imagem:

O assum-preto não é qualquer assum-preto. É um assum-preto especial. O Nordeste do Brasil está cheio deles. Mas esse era diferente. Era cego. Quer dizer: furaram os olhos do assum, para ele assim cantar melhor. E cantava mesmo. Não podia fugir, não podia voar, só podia ficar cantando. Vai cantar para sempre, na letra mais triste da música mais linda que o Luiz Gonzaga escreveu (Nestrovski, 2018, n.p.).

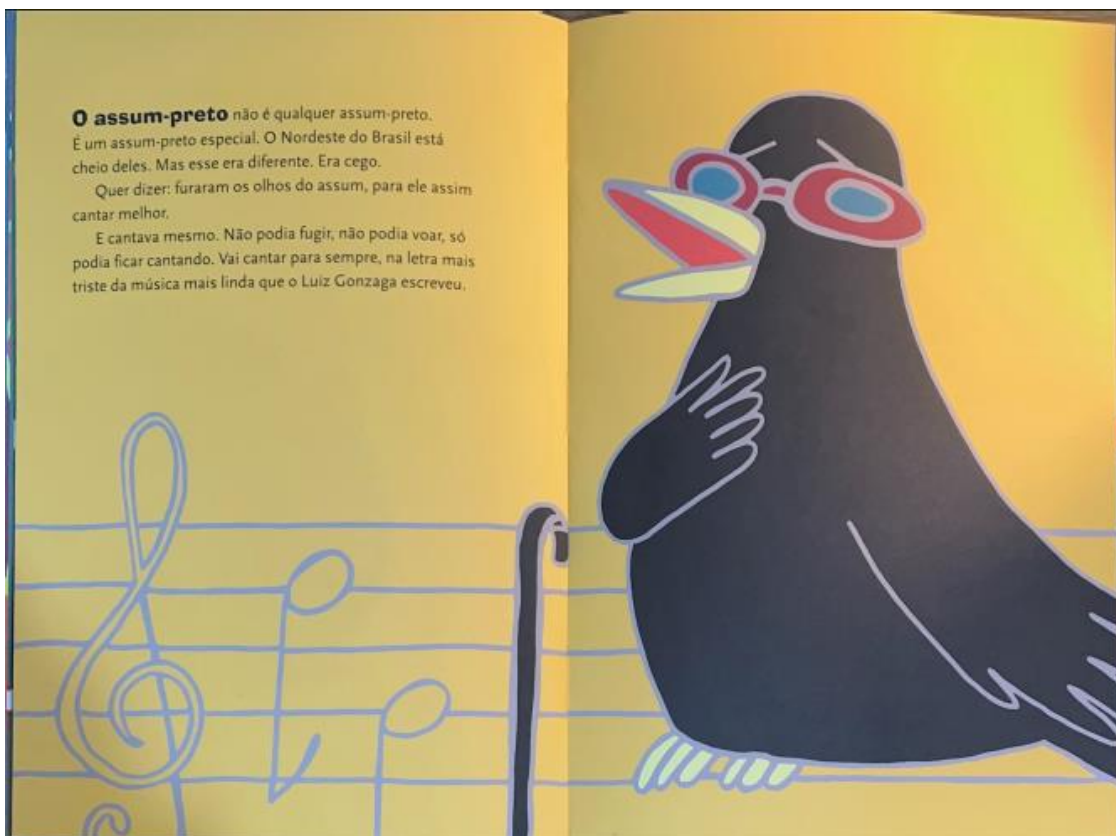


Figura 4: Arthur Nestrovski. *Bichos que existem e bichos que não existem*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

No caso do verbete sobre o Assum-preto, a ilustração reforça e elabora o texto, e ainda, a partir da tabela que as autoras apresentam, a definição do pássaro e sua imagem podem ser classificadas como expansivo, ou complementar. A partir disso, vê-se, então que Nestrovski (2018) e Maria Eugênia fazem uma articulação entre texto e imagem para apresentar ao leitor um pássaro não muito conhecido. Além de usarem os signos verbais, eles utilizam as cores, as imagens, e uma música que também tem o nome do pássaro, para realizar essa definição – um pouco diferenciada, por fazer referência tanto a música, quanto ao pássaro. O autor cria uma relação com a música interpretada por Gonzaguinha, e escrita por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, intitulada também com o nome do pássaro. Nela, é retratado que o assum-preto é cego para que fique cantando, assim como na definição de Nestrovski (2018). A música diz o seguinte:

Tudo em volta é só beleza  
Céu de abril e a mata em flor  
Mas assum preto, cego dos óio  
Não vendo a luz, ai, canta de dor

Talvez por ignorância  
Ou maldades das pió  
Furaro os óio do assum preto  
Pra ele assim, ai, cantá mió

Assum preto vive solto  
Mas num pode avuá  
Mil vezes a sina de uma gaiola  
Desde que o céu, ai, pudesse óia

Assum preto, o teu cantá  
É tão triste como o meu  
Também roubaro o meu amô, ai  
Que era a luz, ai dos óio meu  
(Luiz Gonzaga; Humberto Teixeira, 1950)

Assim, no desenho, a ilustradora fez questão de colocar símbolos musicais para que a relação entre a definição, a música, o pássaro e a arte fosse criada. Assim como ela desenha o assum-preto em posição de canto, com óculos e uma bengala, remetendo a questão da cegueira. Então, quando se pensa no que Maciel (2023) diz sobre como a literatura recupera o mundo animal de diferentes formas, a definição apresentada por Nestrovski (2018) desse pássaro pouco conhecido é um exemplo disso também.

Outro animal interessante de ser analisado é o abominável homem das neves. É preciso ressaltar que ele é um bicho que não existe na vida real, apenas no imaginário das pessoas e, assim, é sempre apresentado como um monstro. A partir do que Maciel (2023) explica, sabe-se

que na maioria das vezes, algo nomeado como animal ou besta, carrega um tom pejorativo; e com a história do abominável homem das neves é assim – ele é um monstro que mora em locais de neve intensa para aterrorizar quem passa por ali.

Além disso, a partir das definições apresentadas por Nikolajeva e Scott (2011), vê-se que desenho e texto se relacionam de forma complementar. Um não causa o mesmo impacto sem o outro; quando Nestrovski (2018) escreve sobre a solidão do abominável homem das neves, é impossível não despertar o sentimento de empatia ao reparar na expressão de tristeza do monstro. Ademais, a ilustradora fez questão de dar destaque as características que fazem dele um “monstro”, mas ao mesmo tempo, que demonstrassem o quão sozinho ele se sente. Esse animal é um grande exemplo de como Nestrovski (2018) e Maria Eugênia reconfiguram a relação entre homem e bicho; o humano não compreende a solidão do abominável homem das neves, e assim, o julga pela sua aparência diferenciada.

Ainda, na obra de Nestrovski (2018) é interessante observar o que o autor e a ilustradora fazem, pois a história de monstro é revertida. Em página dupla, a ilustração mostra, no lado direito, o próprio Abominável homem das neves, sendo retratado como um animal branco e grande, com mãos mais próximas de garras, mas não de forma ameaçadora, e isso fica claro quando sua expressão entra em foco: a boca aberta com os cantos virados para baixo, mesmo tendo dentes pontiagudos, quando é colocada no conjunto com os olhos também com sobancelhas feitas de forma arqueada para baixo, tem-se a visão de um homem das neves triste, e que não parece tão abominável assim. O fundo do desenho é seu ambiente de vivência: montanhas brancas, de neve, com o céu preto.

Assim, o desenho faz mais sentido ainda quando se lê a definição escrita por Nestrovski (2018):

O abominável homem das neves vive abominavelmente sozinho. Porque não existe uma abominável mulher das neves. E como não existe uma abominável mulher, também não existem abomináveis filhinhos.

No fundo, o abominável homem das neves talvez não tenha nada de tão abominável. O que os abominados exploradores abominam no abominável homem é que ele é abominavelmente grande e abominavelmente estranho.

Mas quem vê a abominável cara não vê o abominável coração, que bate abominavelmente sozinho no meio da abominável neve (Nestrovski, 2018, n.p.).

O que Nestrovski (2018) e Maria Eugênia realizam aqui é a transformação da relação que existe entre homem e animal a partir de texto e imagem. Ao ilustrar o homem das neves com a feição de triste, e apresentar o texto com a explicação de que ele é um ser que vive sozinho, essa relação é possível de ser questionada por quem está lendo; pode-se refletir o

porquê ele é conhecido por ser um monstro, ou qual o motivo de ele ser sempre apresentado nas histórias e contos como uma criatura considerada feroz, por exemplo.

Como Maciel (2023) explica, a construção da animalidade ao longo do tempo foi sendo realizada de forma sempre oposta – homem de um lado e animal do outro, sendo considerado sempre um estranho e desconhecido. Pode até ser que seja assim, existem muitos seres que os estudiosos ainda não descobriram e nem irão descobrir, mas então por que criar uma relação tão distante quando ela pode ser de proximidade? Maciel (2023) levanta esse questionamento quando aborda a animalidade e humanidade.

E é possível observar que, nesse verbete do Abominável homem das neves, assim como no verbete e na ilustração do Assum-preto, ilustradora e o autor apresentam texto e imagem que trabalham juntos para definir esses dois animais. Como Nikolajeva e Scott (2011) explicam, o texto e a imagem não podem ser separados, se não, não há o mesmo sentido, a mesma coerência – mais uma vez, a ilustração reforça e elabora o texto, e ainda, as definições podem ser classificadas como expansivas, ou complementares.

Se o desenho do homem das neves estivesse sozinho, no meio da página, não teria tanto impacto; assim como se o texto estivesse sem o desenho. O que causa impacto, empatia e reflexão no leitor é exatamente a relação entre palavra e imagem; a criança pode questionar por que, então, o homem das neves é chamado de monstro, por exemplo. Quando Nestrovski (2018) apresenta esse ser como alguém extremamente sozinho, é uma revelação; quem diria que um ser vivo que vive no meio das montanhas seria tão sozinho – algo óbvio, mas impensável por ele ser nomeado de monstro.

Outro animal interessante abordado por Nestrovski (2018) é o vírus. Em sua página dupla, vemos a ilustração de várias crianças doentes – uma está espirrando, outra está com um lenço no nariz, uma outra está com um termômetro na boca; e as demais possuem feições com as sobrancelhas abaixadas, olhos na mesma posição. O rosto cansado, de quem foi pego pelo vírus. E o texto do autor apresenta esse minúsculo ser:

O vírus é o menor bicho que existe. Cabem mais de 5 mil vírus num fio de cabelo!

Para viver, ele precisa morar noutro bicho. Por exemplo: você.

Como é que a gente sabe que existe vírus? Porque dá gripe, sarampo, caxumba, escarlatina.

Vírus de computador não é um bicho. Foi a gente mesmo que inventou (Nestrovski, 2018, n.p.).



Figura 5: Arthur Nestrovski. *Bichos que existem e bichos que não existem*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

Mais uma vez Nestrovski (2018) reconstrói a relação entre animal e humano: chama o leitor de bicho. Maciel (2023) relata que muitos autores fazem esse movimento de trocar humano e animal de posição, dando exemplos clássicos como *O búfalo* (1960), de Clarice Lispector, ou *Conversa de bois* (1946) de Guimarães Rosa. Pode ser um humano tendo uma epifania só de trocar olhares com um animal, ou dois animais falando o que pensam sobre o humano – a posição está trocada; o homem não é soberano. Pensando na ilustração, mais uma vez a ilustração reforça e elabora o texto, mantendo a classificação da tabela apresentada por Nikolajeva e Scott (2011) de serem ilustrações que expandem e complementam.

Outro animal exposto por Nestrovski (2018) é o lobisomem. Em seu livro, Nestrovski (2018) faz a seguinte apresentação desse bicho:

O lobisomem só aparece nas noites de lua cheia. Ataca o primeiro bicho que passar; mas do que ele mais gosta é o homem.  
 Se o lobisomem fosse só lobo, não seria tão mau. Mas é lobo e homem, e um homem mau é muito mais mau do que um lobo mau.  
 É por isso que nas noites de lua cheia os lobos vão para o alto do morro, uivar.  
 Eles têm medo do homem: do homem no lobo (Nestrovski, 2018, n.p.).

É interessante notar que, ao caracterizar o lobisomem, o autor faz uma brincadeira com a palavra; ele a separa entre lobo e homem, dizendo que o homem é que é muito mau e não o lobo. Assim, ele faz essa relação entre bicho e humano a partir da maldade do homem, deixando claro que, na realidade, quem é mau de verdade é o homem, e não o lobo. No final, ele ainda diz que os lobos têm medo do homem no lobo, e não o contrário ou até mesmo, do lobisomem.

A ilustração em página dupla deixa ainda mais claro aquilo que a definição apresenta. Em um fundo laranja forte, a cabeça de um lobo com a boca bem aberta foi feita; é possível ver que o lobo está usando terno e grava, pois o começo de seu ombro e pescoço aparecem – mas não tirando o foco da cabeça do lobo. Os dentes são pontiagudos e brancos, o lobo é preto e tem o focinho e a língua vermelho escuro; de dentro dos olhos do lobo está um humano.

Por estar saindo de dentro dos olhos, o humano é pequeno. É possível ver apenas sua cabeça e suas mãos; assim, vê-se que ele está com a boca aberta também e com os braços para cima, com a mãos abertas, como quem pede ajuda. Seus olhos são duas bolas redondas acima da boca, com o nariz no meio, e eles são vermelhos também – igual o focinho e a língua do lobo.

Quando a ilustração e o texto são considerados em conjunto, é possível estabelecer a relação entre lobo e homem mau; o lobo vestido de terno e com um homem saindo de seu olho remete ao que Nestrovski (2018) diz com o homem no lobo: o homem que está dentro do lobo é que é realmente ruim.

Outro bicho apresentado por Nestrovski (2018) é a traça. Nessa página dupla, um livro ocupa quase que as duas páginas inteiras. Na página direita, vê-se que algumas bordas das folhas do livro estão mordidas, e na primeira página, logo acima do livro, próximo de sua dobra, está a traça, comendo a folha. Do lado esquerdo está uma criança. Ela tem cabelos escuros, presos em uma trança, e aparentemente parece observar a pequena traça comendo a folha do livro. Junto disso, está o texto:

A traça adora livros, revistas e jornais. Devora todos que encontrar.  
Também gosta de roupas, cortinas e tapetes. A traça traça tudo.  
Não sei nada sobre traças crianças. Mas conheço crianças traças, que comem tudo o que puderem.  
E tem até as que adoram livros e revistas (Nestrovski, 2018, n.p.).



Figura 6: Arthur Nestrovski. *Bichos que existem e bichos que não existem*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

Nesse verbete, então, o autor faz uma relação entre crianças e traças, comparando os dois seres de igual para igual. Como Maciel (2021; 2023) explica em suas obras, Netrovski (2018) tenta aproximar a partir dessa definição, características do pequeno ser animal e do pequeno ser humano. Além das crianças que comem tudo o que puderem serem traças, também existem as que gostam de livros e revistas – iguais às traças, mais uma vez.

Nos animais como a vaca, a fênix, o camelo, e o cão dos infernos, por exemplo, o autor não apresenta uma recriação da relação entre homem animal, mas sempre expõe que existe alguma. No caso da vaca, ele diz que existem muitas e muitas vacas, e que a quantidade desse bicho já é o suficiente para o planeta terra, e ainda, faz uma comparação do número de vacas com o número de humanos.



Figura 7: Arthur Netrovski. *Bichos que existem e bichos que não existem*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

Ao apresentar a fênix, Netrovski (2018) explica como esse pássaro – que é originado de um mito egípcio – funciona; ele renasce de suas próprias cinzas e, assim, o autor explica, ele é pai, mãe e filho de si mesmo. Aqui, ele não cria uma relação do animal com o humano, apenas diz que os egípcios é que contavam essa história, e que então, deve ser verdade. E ainda, em relação ao texto referente ao camelo, Netrovski (2018) cita outro animal que é confundido com o camelo por também possui uma corcova, não citando nenhuma relação direta com o homem.



Figura 8: Arthur Nestrovski. *Bichos que existem e bichos que não existem*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

Quando se pensa no cão dos infernos, é possível inferir que em página dupla, o autor caracteriza o animal a partir do mito grego que possui o mesmo nome – cão dos infernos. Aqui, não há uma reconfiguração da relação entre bicho e humano, mas traz para o leitor o conhecimento sobre um animal mitológico. Pensando na ilustração, pode-se observar que a artista trouxe as características principais que constam na origem mitológica do animal, como as três cabeças e a pelagem preta, ressaltando a definição escrita de Nestrovski (2018).



Figura 9: Arthur Nestrovski. *Bichos que existem e bichos que não existem*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

A maioria das ilustrações, então, desempenha o papel de ressaltar aquilo que está no texto; seja por meio das características dos animais ou do ambiente criado como fundo das ilustrações pela ilustradora Maria Eugênia. Imagem e texto não são dependentes, porém o impacto que causam juntos é diferente daquele que seria causado caso estivessem separados ou sozinhos.

Assim, é importante dizer que, a partir de Nikolajeva e Scott (2011), é possível observar na obra de Nestrovski (2018) que imagem e texto estão sempre juntos, e que, dessa forma, fazem parte da categoria que diz sobre o livro ilustrado “expansivo” ou “reforçado”, pois o texto e imagem apoiam um ao outro. Ademais, nas outras categorias apresentadas pelas autoras, as palavras e as imagens cooperam de formas que podem ser de amplificação, extensão e complementação; além disso, a obra é um livro ilustrado por ter imagens e textos igualmente importantes. Pensando também na definição das autoras Palo e Oliveira (2025), que também abordam a questão do livro com imagens, o livro de Nestrovski (2018) pode ser conceituado como livro ilustrado, que segundo as autoras é aquele em que existe “um diálogo efetivo entre *palavra e imagem*, ao qual se veio acrescentar o *design* do projeto gráfico do livro” (Palo; Oliveira, 2025, p. 38).

Ademais, o livro de Nestrovski (2018) apresenta as definições de animais por ter textos e imagens que conversam entre si; pode-se ver isso na definição do Abominável homem das neves, do Lobisomem e do Vírus. Todos eles são compostos tanto por texto, quanto por imagem. É importante dizer, ainda, que a obra de Nestrovski (2018) apresenta textos que definem os animais, que podem ser apenas lidos, e ilustrações que podem ser vistas sozinhas, mas o impacto no leitor não é o mesmo, por isso elas se reforçam, se apoiam, se expandem. Na definição do Lobisomem, por exemplo, a imagem do lobo com um homem saindo de seu olho e o texto do autor fazem uma construção daquilo que Nestrovski (2018) diz: o homem no lobo. Ou na definição do Vírus em que o desenho apresenta crianças doentes e o texto relata que a casa do vírus é o próprio homem, e que inclusive, o vírus foi inventado pelo homem.

A partir dessas reflexões, é importante refletir sobre como as crianças percebem os animais, qual a relação que elas estão construindo com eles e com o local que ambos vivem. Dessa forma, é possível pensar em uma proposta de intervenção que aborde desde esses aspectos até os de criatividade e textualidade, contemplando habilidades da Base Nacional Comum Curricular e instigando a imaginação das crianças.

### **Capítulo 3. Literatura e ensino: proposta de intervenção**

A partir das reflexões apresentadas entre texto e imagem, animalidade e a obra de Arthur Nestrovski (2018), é possível criar uma proposta de intervenção que possa ser realizada no contexto escolar.

Tendo em vista que o corpus principal deste trabalho é um livro infantil que apresenta animais reais e irrealis com ilustrações, a proposta de intervenção a ser apresentada foi feita com base no *Caderno Meio Ambiente* (2022) da Série Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) da *Base Nacional Comum Curricular* (2018). De acordo com o documento,

A proposta de uma educação como princípio norteador de aprendizagens é um objetivo a ser alcançado. Essa proposta vem orientando a inserção de questões sociais como objeto de aprendizagem e reflexão dos estudantes, voltada à construção da cidadania, compreendida no seu conceito mais amplo, o de fomentar nos estudantes a capacidade de inserção, intervenção e transformação dos espaços sociais, exercendo seus direitos e deveres como indivíduo que vive em sociedade. A inclusão dessas questões no currículo escolar não é inédita. Essas temáticas vêm sendo discutidas e incorporadas às áreas das Ciências Humanas, Exatas, Sociais e da Natureza, chegando até a constituir novas áreas, como o caso das abordagens sobre Meio Ambiente e Saúde, Ciência e Tecnologia, Cidadania e Civismo, dentre outras (Brasil, 2022, p. 7).

A partir desse trecho do documento, a proposta é pensada com o intuito de fazer com que os estudantes reflitam sobre o lugar dos animais no mundo, assim como a forma que os

humanos enxergam esses animais para que, então, a relação entre animal e homem seja pensada também.

Pensando nos TCTs, é explicado que eles abordam a contemporaneidade para buscar a melhoria do processo de aprendizagem, enquanto a transversalidade é abordada para trazer metodologias com propostas de modificar a prática pedagógica. Assim, segundo o documento:

(...) a importância deste material orientador da Série Temas Contemporâneos Transversais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (...) detalha a abordagem e inserção dos TCTs no contexto da Educação Básica, de forma a contribuir com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e ética (Brasil, 2018, p. 9).

Ademais, as Diretrizes Curriculares Nacionais definem como obrigatórios os TCTs nas escolas, visando que sejam trabalhados com “conteúdos científicos das áreas de conhecimentos específicos” (Brasil, 2018, p. 13) de formas inter e transdisciplinares, o que faz com que os alunos associem e conduzam reflexões sobre questões de cidadania. Dessa maneira, ao utilizar a obra de Arthur Nestrovski (2018), a partir das TCTs é possível realizar uma prática pedagógica de forma diferente do usual quando se propõe que os alunos reflitam sobre os animais e os humanos.

Adicionalmente, pensando nas discussões sobre animalidade a partir da obra de Nestrovski (2018), o tema do Meio Ambiente, que faz parte da Educação Ambiental, foi pensado para formular a proposta de intervenção. Como exposto no documento sobre esse tema:

Os temas de Meio Ambiente são responsáveis por dar aos estudantes, indivíduo e a coletividade, por meio da educação ambiental e seus processos, os valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Brasil, 2018, p. 24).

A partir disso, é importante que a proposta faça os alunos refletirem sempre o lugar que o humano ocupa no mundo, junto dos animais, e como a relação de homem e bicho acontece nesse mesmo local. Dessa forma, é possível que os estudantes pensem e levem consigo para o futuro como essa relação é importante e não precisa ser vista de forma independente – humanos de um lado, e animais do outro. A obra de Arthur Nestrovski (2018) ao oferecer essa desconstrução de como os animais são vistos, junto com os temas de Meio Ambiente do *Caderno Meio Ambiente* (2022), possibilita uma proposta lúdica e reflexiva aos alunos sobre a relação entre humano e animal, e o ambiente em que ambos vivem.

Em relação à Base Nacional Comum Curricular e às habilidades de Língua Portuguesa voltadas para as turmas de 6º a 9º ano, foram selecionadas as EF67LP28 e EF69LP53, sendo elas:

**(EF67LP28)** Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (Brasil, 2018, p. 169);

**(EF69LP53)** Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão (Brasil, 2018, p. 161).

Além dessas habilidades, o proposta também atende à Competência Específica 9 da área de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2018, p. 87).

E em relação às Competências Gerais da BNCC (2018), foram selecionadas a 1 e a 3, sendo elas, respectivamente:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;

[...]

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (Brasil, 2018, p. 9).

A partir das habilidades de Língua Portuguesa, das Competências Específicas e Gerais da BNCC (2018), a proposta irá trabalhar com a leitura e a escrita de forma lúdica, além dos aspectos que dizem respeito a estética do livro de Arthur Nestrovski (2018); tudo isso resultará em uma produção própria dos alunos que irá conter desde as TCTs, até as habilidades e as Competências da BNCC (2018).

Dessa forma, a proposta foi pensada para ser aplicada em turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II, prevendo que os alunos já tenham conhecimentos suficientes que abranjam a leitura, a escrita e a oralidade para o que será proposto. Além disso, ela pode ser realizada tanto em escolas públicas como particulares, pois os materiais a serem utilizados são básicos – sendo eles o livro de Nestrovski (2018), folhas, lápis ou canetas, e lápis de colorir.

Essa proposta tem como objetivo apresentar aos alunos as possíveis relações que existem entre homens e animais; fazer com que eles reflitam sobre essas relações existentes e sobre como isso pode aparecer em livros infantojuvenis. E, também, promover discussão sobre como o homem enxerga os animais.

Sendo assim, a proposta de intervenção foi organizada em 4 etapas, e cada uma delas aborda as habilidades da BNCC (2018) assim como os TCTs de meio ambiente do Caderno Meio Ambiente:

**Etapa 1 – sensibilização – o mundo do bichos:** uma conversa inicial sobre animais reais e imaginários será realizada a partir da leitura do livro de Arthur Nestrovski (2018). Os alunos irão expor quais definições mais gostaram e em quais eles enxergam relações entre homens e animais, e também irão falar sobre as ilustrações presente na obra, como elas podem expandir o texto de cada animal. Não só isso, os alunos terão que expor como enxergam o meio ambiente atual em que os animais e os humanos vivem, e suas opiniões sobre os cuidados atuais que existem com esse meio ambiente;

**Etapa 2 – pesquisa:** nessa etapa, em grupos de 3 ou 4, os alunos irão procurar nos livros da própria escola histórias – narrativas curtas ou contos – que contenham relações entre humanos e animais e, a partir disso, lerão para a turma a história escolhida e explicar as relações presentes na narrativa/conto, expondo também o ambiente que aquela história se passa; e, caso o livro tenha ilustrações, eles poderão expor o que veem a partir delas, o que inferem delas e do

texto juntos; além disso, nessa etapa serão discutidos brevemente as características de uma narrativa, pois a próxima etapa será a produção de uma;

**Etapa 3 – produção e avaliação:** a partir da leitura do livro de Nestrovski (2018) e dos contos e narrativas escolhidos pelos grupos, cada aluno, individualmente, terá que criar uma narrativa própria, mas do ponto de vista de um animal de sua escolha, sendo ele real ou não, dando atenção também para o ambiente que esse animal vive, trazendo aspectos que abordem os cuidados necessários que o animal precisa para sobreviver – seja em um ambiente natural ou doméstico; e junto da narrativa, eles terão que ilustrar o animal que escolheram, assim como o ambiente em que ele vive. Nessa etapa, serão avaliados a criatividade de cada aluno, assim como sua reflexão sobre a relação entre homem e animal, e o meio ambiente pensado pelo aluno e os cuidados propostos para o animal que ele para escrever a narrativa;

**Etapa 4 – apresentação:** na última etapa, os alunos irão trocar as narrativas entre si para discutirem sobre suas reflexões acerca das relações que os humanos criaram e criam com os diversos animais; além disso, os desenhos serão expostos para que cada aluno possa exibir sua visão sobre o bicho que escolheu, e por fim, uma roda de conversa será feita para que cada um exponha para a turma toda o que mais chamou atenção nas discussões dessa relações entre humanos e bichos, as reflexões realizadas sobre o tratamento dado ao meio ambiente que tanto os animais quanto os humanos vivem, e também nos desenhos realizados pela turma.

A avaliação dessa proposta será feita na etapa 3 observando se o aluno expõe a relação entre humano e animal e o meio ambiente que o animal escolhido vive. É importante que os alunos possam entender como o animal pode ser visto pelo homem, e como o homem pode ser visto – literariamente – pelo animal; também, que o humano não é soberano no mundo em que se vive, e que cada um possui sua importância. Além disso, quando se pensa no meio ambiente, é importante que o aluno reflita no cuidado necessário do animal, assim como na preservação tanto do local quanto do bicho apresentado.

Tendo em vista o que Palo e Oliveira (2025) discutem sobre o ensino pedagógico a partir dos livros, é importante que, ao abordar o livro de Nestrovski (2018), o lúdico não seja deixado de lado. As ilustrações e a forma como o autor apresenta cada animal são importantes para que as crianças possam refletir a maneira como cada bicho é inserido em um lugar a partir do ponto de vista humano, mas essa reflexão deve ser realizada de forma que os alunos exerçam sua autonomia e criatividade. Como Hunt (2010) também explica, o livro infantil é considerado como tal por conseguir inserir em sua narrativa a criança; a linguagem utilizada é acessível e

inclusa para essa faixa etária. Ademais, Hunt (2010) ressalta que a sensibilidade e a inteligência dos pequenos humanos devem ser valorizadas.

Pensando nas ilustrações dentro da proposta, elas podem servir como inspiração para que cada aluno crie a sua própria imagem do animal que escolheu para realizar sua narrativa. Como Nikolajeva e Scott (2011) apresentam, existem diversas formas de se relacionar uma ilustração com o texto, e as crianças, a partir de sua imaginação, irão criar alguma delas – mesmo sem saber.

Por fim, é esperado que os alunos exerçam sua criatividade, imaginação e reflexão a partir dos animais apresentados por Arthur Nestrovski (2018). Também, que eles possam pensar a forma como se relacionam com os animais que encontram em seu caminho – seja na rua, em zoológicos ou até mesmo em vídeos que veem na internet. Ademais, que eles se sintam inseridos no ambiente escolar para questionar e discutir porque o humano vê o animal do jeito que vê, e assim, começar a recriar essas relações para que, tanto humano quanto animal, tenham uma experiência positiva da vida no mundo em que habitam.

### **Considerações finais**

Pensando nas quais questões-problema – quais os procedimentos empregados por Nestrovski (2018) para singularizar as subjetividades animais em seu livro? Até que ponto é reconfigurada a relação entre ser humano e animal na obra *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018)? E quais estratégias podem ser colocadas em prática para se desenvolver uma proposta de intervenção no Ensino Fundamental que, a partir da literatura infantil, sensibilize o estudante a respeito do contato entre ser humanos e animais? – e no objetivo geral de desenvolver estratégias para se realizar uma proposta de intervenção no Ensino Fundamental que, a partir da literatura infantil, que sensibilizasse o estudante a respeito do contato entre ser humanos e animais, além dos objetivos específicos de investigar os procedimentos empregados na obra *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018) que singularizam as subjetividades animais e reconfiguram a relação entre ser humano e animal, é importante ressaltar que o estudo da literatura infantil, das ilustrações e da animalidade foram essenciais para observar e entender como Arthur Nestrovski em *Bichos que existem e bichos que não existem* (2018) reformula a relação entre homem e animal.

A partir disso, vê-se que em seus verbetes, Nestrovski (2018) busca modificar o modo como os seres humanos percebem os animais, tanto pelo texto quanto pela imagem. É possível observar no verbete do Abominável homem das neves essa modificação, assim como no do Lobisomem: o autor troca de lugar aquele que é considerado mau ou abominável; aqui, não é mais o bicho que possui essas características, mas sim o homem. É possível dizer, então, que a partir de texto e imagem as relações entre humano e animal podem ser questionadas e modificadas, assim como a forma com que o homem enxerga o animal.

A partir das ilustrações de Maria Eugênia, essa reformulação na relação entre homem e animal é mais reforçada ainda. Vê-se ainda no Abominável homem das neves que o ser vivo apresentado ali, possui uma feição que pode se atribuir como sendo referente a tristeza. Pode se inferir que ele é tão sozinho que se sente triste. Ou o Lobisomem que é tão mau por ter dentro de si o homem, na realidade, e isso é apresentado pelo desenho também. Como apresentado por Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011), a obra de Nestrovski (2018) voltada para o público infantil apresenta uma relação de expansão entre imagem e texto, que é quando tanto a imagem quanto o texto são importantes para o que está sendo apresentado; na obra de Nestrovski (2018) as definições do autor e as ilustrações de Maria Eugênia aumentam o significado um do outro, simultaneamente.

Além disso, pensando nas autoras Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira (2025), Nestrovski (2018) cria uma obra possível de ser utilizada como ferramenta de ensino, de criatividade e de reflexão em sala de aula. A proposta de intervenção criada aqui procura contemplar esses aspectos, relacionando os animais com educação ambiental e o cuidado como cidadão que os alunos precisam compreender e apreender para se tornarem pessoas que cativam o local e os seres que vivem ali. Ainda, pensando nas habilidades da BNCC (2018), a proposta tem como objetivo também incluir aspectos textuais, de leitura e de criatividade ao propor a realização de uma narrativa e um desenho aos alunos. É possível utilizar a animalidade na literatura para trabalhar todos esses pontos apresentados.

Por fim, mas não menos importante, vê-se que o que Maria Esther Maciel (2023) traz em sua obra é muito presente na obra de Arthur Nestrovski (2018). O autor não só reformula a relação entre animal e humano, como também utiliza da literatura para fazer isso, assim como vários autores da literatura brasileira. Ademais, ele faz isso voltado para o público infantil, que possui a imaginação e a criatividade tão refinadas, ao ponto de conseguirem se igualar aos animais. O autor não só oferece recursos para que os pequenos possam pensar nos bichos –

existentes ou não – de diversas maneiras, mas também para que eles reflitam seu lugar no mundo, afinal, é o lugar de vivência de todos.

Assim, ao revelar um tratamento singular da animalidade no contexto da literatura infantil, a obra de Nestrovski (2018) mostrou-se importante para refletir como a infantilidade pode ser relacionada com a animalidade e, não só isso, como é possível que isso seja feito a partir do lúdico e do imaginário. Assim como os animais, as crianças possuem uma inocência em relação ao mundo que, se for cultivada da melhor forma, fará com que eles cresçam vendo e entendendo como o mundo é importante para todos e como cada ser vivo que vive aqui também é. Animal e humano compartilham de muito mais coisas do que os adultos conseguem enxergar, e as crianças já sabem disso.

## **Bibliografia**

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. **Assum-preto** [1950]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIuRmOrwZow> . Acesso em: 24 out. 2025.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MACIEL, Maria Esther. **Animalidades: zooliteratura e os limites do humano**. São Paulo: Editora Instante, 2023.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2021.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2011.

NESTROVSKI, Arthur. **Bichos que existem e bichos que não existem**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil: voz de criança**. São Paulo: Miolo Mole, 2025.